

# Ambientalistas aplaudem a saída do ex-secretário

Por Liana John (AE)

**São Paulo** - Os ambientalistas brasileiros, de modo geral, demonstraram grande alívio ao saber da saída do secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger. Sem política interna, sem capacidade de administrar a secretaria, sem ter tomado medidas condizentes com seus discursos, Lutzenberger já havia perdido há muito tempo o apoio dos ambientalistas brasileiros. Há um ano, 14 organizações ambientalistas não governamentais (ONGs) entregaram ao presidente Fernando Collor um documento manifestando seu desagrado com a política desconexa do secretário. De lá para cá, Lutzenberger se desgastou também no âmbito internacional, perdendo a única função que ainda fazia sentido, a de embaixador do Meio Ambiente no Exterior.

“A saída dele não cria nenhum problema para nós, pelo contrário, ele já não tinha a menor condição de administrar o órgão executivo, não tinha articulação política dentro do Governo para implantar a interdisciplinariedade necessária ao tratamento das questões ambientais e nem como impor respeito enquanto ambientalista junto aos setores mais conservadores”, diz o diretor da Fundação SOS Mata Atlântica, de São Paulo e representante do Fórum da Não Governamentais da Rio-92, João Paulo Capobianco. Segundo ele, Lutzenberger vinha sendo usado como “uma cortina para tapar os gravíssimos problemas ambientais brasileiros”. Com a saída do secretário, a expectativa das ONGs é de chegar à Rio-92 com mais força, com capacidade de expor algo mais consistente do que o marketing de Lutzenberger.

“Ele foi um grande militante ambientalista do passado, fez muito bem o papel de filósofo do movimento ambientalista, mas como executivo deixou muito a

desejar, por isso sabíamos que o Governo teria de mudar”, acrescenta Maria Teresa Jorge Pádua, presidente da Funatura, de Brasília. Maria Teresa admite que a gestão de Fernando César Mesquita, presidente do Ibama no Governo Sarney, foi muito mais positiva, para as não-governamentais, do que a gestão do ambientalista Lutzenberger. “Tenho de admitir que o Mesquita nos tratava como iguais, cooperamos com ele nos planos de manejo de algumas áreas de proteção, o que jamais aconteceu com o Lutzenberger”, diz.

“Ele tinha um temperamento complicado, muito personalista, seria difícil passar de um crítico do Governo para um administrador. O compromisso dele com a criação de uma consciência ecológica no País é inegável, mas ele ensajou sua demissão ao assumir o papel de crítico do Governo em Nova York, de repente ele esqueceu de que era parte do Governo e não deixou outra alternativa ao presidente”, pondera Angelo Machado, presidente da Fundação Biodiversitas, de Minas Gerais.

Além da falta de contato com as bases ambientalistas e das trombadas seguidas com o próprio Governo, Lutzenberger também não tinha vínculos com a proposta ambiental do presidente Collor. Das dez ações para os primeiros dez dias de Governo, do programa ambiental que Collor defendeu em campanha, apenas duas foram tomadas, ambas por iniciativa do próprio presidente: a criação da secretaria e a elaboração de propostas de conversão da dívida. Do resto do programa não se tem a menor notícia.

“Entre equacionar a frente interna ou a frente externa, o Governo escolheu equacionar a frente externa, papel que o Lutzenberger até desempenhou bem. Mas a medida do sucesso dele na frente externa é a medida do fracasso na frente interna”, afirma o

ecólogo Evaristo Eduardo de Miranda, que participou da elaboração do programa ambiental de Collor.

As medidas isoladas e posições desconexas que o secretário assumiu durante estes dois anos, também atrasaram significativamente o zoneamento econômico ecológico do País e o ordenamento territorial, reconhecidos por todos os ambientalistas, brasileiros e do exterior, como fundamentais para a orientação de uma política ambiental no Brasil. O zoneamento e o ordenamento estavam previstos no programa Nossa Natureza, do Governo Sarney, desmontado pelo Governo Collor. Com defeitos ou não, o Nossa Natureza existia e foi substituído por um vazio.

A preocupação dos ambientalistas, agora, é com o rumo da política ambiental, a partir da substituição de Lutzenberger. “O professor Goldemberg é uma pessoa séria, de orientação mais científica do que o professor Lutzenberger, tem uma certa sensibilidade para com a causa, mas acho difícil ele conseguir acumular tantas coisas importantes. Eu entendo que esta é uma solução temporária”, coloca Angelo Machado, da Biodiversitas. “Nossa maior preocupação é para com o Ibama, que foi uma conquista ambientalista”, acrescenta João Paulo Capobianco, da SOS Mata Atlântica. Ele teme que nesse momento de enfraquecimento da Secretaria do Meio Ambiente, os setores tradicionalmente contrários à preservação consigam dividir novamente o órgão e voltar à situação do antigo IBDF. “As acusações do secretário ao Ibama, da forma como ele fez, foram muito ruins, e podem enfraquecer o Ibama. Eu acho que o Lutzenberger foi irresponsável ao acusar o órgão, considerando que o órgão teve quatro presidentes durante estes dois últimos anos e algumas das estruturas incorporadas pelo Ibama, como o IBDF continham muitos vícios”.